

**OPRESSÕES INTERSECCIONAIS EM AMADA, DE TONI MORRISON****INTERSECTIONAL OPPRESSIONS IN BELOVED, BY TONI MORRISON**Elis Regina Fernandes Alves¹Hanna da Silva Maciel²**RESUMO (10)**

O racismo percebido dentro dos primeiros movimentos feministas, notadamente nos Estados Unidos e Europa, entre os séculos XIX e XX, evidenciou a necessidade de vozes femininas negras se levantarem em discussões sobre a não universalização do conceito de mulher, já que o que as feministas brancas de classe média e alta reivindicavam não dizia respeito às mulheres não brancas. (Davis, 2016; hooks, 2020). Crenshaw (1989) ponderou que a situação das mulheres negras não podia ser entendida somente pelo viés sexista, mas deveria ser olhada por um prisma interseccional, já que são afetadas de outras formas, como pelo racismo, pelo classismo, etc. Com base nisso, essa pesquisa analisa o romance *Amada* (de 1987), de Toni Morrison, que tematiza protagonistas femininas negras durante e após o período de escravidão negra nos Estados Unidos, aliando as ideias do feminismo negro, com autoras como Davis (2016), hooks (2018, 2019, 2020), às de interseccionalidade, com foco em autoras como Crenshaw (1989 e 1991), Akotirene (2019), Bilge e Collins (2021). A análise revela que Sethe, protagonista, carrega traumas da escravidão e sofre opressões interseccionais, sendo mulher, negra, pobre. A solidariedade entre mulheres negras foi a cura e a reconstrução da identidade de Sethe. A pesquisa destaca como o apoio mútuo é essencial para superar as múltiplas formas de opressão enfrentadas por Sethe.

Palavras-chaves: Feminismo negro; Interseccionalidade; *Amada*; Toni Morrison.

ABSTRACT

The racism in the first feminist movements, notably in the United States and Europe, between the 19th and 20th centuries, evidenced the need for black female voices to raise in discussions about the non-universalization of the concept of woman, because what white rich feminists demanded did not apply to non-white women (Davis, 2016; hooks, 2020). Crenshaw (1989) pondered that the situation of black women could not be understood only from a sexist perspective, but should be viewed from an intersectional perspective, as they are affected in other ways, such as by racism, classism, etc. Based on this, this research analyzes the novel *Beloved* (1987), by Toni Morrison, which thematizes black female protagonists during and after the period of black slavery in the United States, allying the ideas of black feminism, with authors such as Davis (2016), hooks (2018, 2019, 2020), with the intersectionality, focusing on authors such as Crenshaw (1989 and 1991), Akotirene (2019), Bilge and Collins (2021). The analysis reveals that Sethe, the protagonist, carries traumas from slavery and suffers intersectional oppressions, by being a woman, black, and poor. The solidarity among black women was the healing and reconstruction of Sethe's identity. The research highlights how mutual support is essential to overcome the multiple forms of oppression faced by Sethe.

Keywords: Black feminism; Intersectionality; *Beloved*; Toni Morrison.

¹ Professora adjunta do IEAA-Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da UFAM- Universidade Federal do Amazonas, em Humaitá-AM. Docente do PPGL-Programa de Pós-graduação em Letras da UFAM-Manaus. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2795-8062>; E-mail: elisregi@ufam.edu.br

² Graduada em Letras- Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas literaturas pela UFAM- Universidade Federal do Amazonas. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3517-2631>; E-mail: hannamaciel@gmail.com

1. PROBLEMATIZANDO A QUESTÃO

Os primeiros movimentos feministas eram compostos por mulheres brancas, de classe média ou alta, que reivindicavam direitos de igualdade aos homens brancos, como o acesso à educação, o direito ao voto, a possibilidade de adentrar ao mercado de trabalho. Em *Mulheres, raça e classe*, de 1981, Angela Davis analisa, paralelamente, a situação das mulheres negras no mesmo período, nos Estados Unidos. Privadas de liberdade, ainda eram escravizadas, sendo alvo de violências diárias, como o estupro, os castigos nas *plantations*, além de carga horária excessiva de trabalhos exaustivos. Davis (2016) analisa que, ironicamente, estas mulheres trabalhavam desde sempre, não eram vistas como frágeis, indefesas e incapazes, como ocorria com as mulheres brancas de classes média e alta.

Sobre isso, bell hooks em *E eu não sou uma mulher?* também de 1981, questiona o status de não-mulheres para as mulheres negras. O título do livro é uma referência ao discurso homônimo de Sojourner Truth, ex escravizada que se tornou ativista pelos direitos das mulheres negras, ainda no século XIX. Truth, em 1851, na *Convenção dos direitos das mulheres* em Ohio, ponderou que como mulher negra, era vista de maneira diferenciada em relação às mulheres brancas, já que trabalhava, tinha seus filhos vendidos e nenhum homem a ajudava a subir em carruagens. hooks usa a metáfora de Truth para explicar que sobre as mulheres negras sempre incidiram questões além do sexismo, como o racismo, que as animalizava, o que era ignorado pelas próprias feministas brancas em movimentos como a luta pelo sufrágio, por exemplo. hooks (2019) pondera que a inferiorização das mulheres negras se estendeu aos vários aspectos sociais e a literatura não escapa disso.

Acerca disso, as ideias de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw, entre os anos 1980 e 1990, reforçam a dupla alteridade das mulheres negras, interpeladas por questões que vão além do sexismo, tão combatido pelas mulheres brancas. Crenshaw (1989) entende que as mulheres negras passam por avenidas identitárias, que as interpelam de forma mais contundente, já que são afetadas pelo sexismo, como as mulheres brancas, mas também pelo racismo, pelo classismo, por questões de religião, cultura, e mesmo por questões estruturais de sociedades capitalistas que as colocam, sempre, em situação de subalternidade em relação às mulheres brancas, mas também em relação aos próprios homens negros. Akotirene (2019) entende que só a sororidade entre as mulheres poderia deixar de fragmentar os movimentos feministas e agregar força às lutas pelos direitos de todas as mulheres, não apenas de um segmento.

Considerando estes aspectos, esta pesquisa propõe a análise da obra *Amada*, de Toni Morrison,

publicada em 1987. O trabalho parte destes pressupostos para analisar de maneira interseccional a situação da protagonista Sethe no romance que tematiza a vida de mulheres negras durante e após o período de escravidão negra nos Estados Unidos. Assim, esta pesquisa busca aliar as ideias do feminismo negro, com autoras como Davis (2016), Hooks (2018, 2019, 2020), às de interseccionalidade, com foco em autoras como Crenshaw (1989 e 1991), Akotirene (2019), Bilge e Collins (2021), dentre outras, para analisar o romance acima citado.

2. O FEMINISMO NEGRO E A INTERSECCIONALIDADE

Dentro do amplo cenário da luta feminista, é necessário destacar uma atenção especial ao feminismo negro e à interseccionalidade. Esses movimentos surgem como uma resposta crítica à exclusão histórica de mulheres negras, periféricas, pobres e indígenas nos primórdios dos movimentos feministas originados majoritariamente pelas demandas das mulheres brancas de classe média. Não se deve tirar o mérito das conquistas dos movimentos pioneiros, é essencial reconhecer as limitações na representação da diversidade de experiências e desafios enfrentados por todas as mulheres. Para a teórica feminista bell hooks este fenômeno evidencia a maneira como as vozes das mulheres privilegiadas predominavam no movimento feminista, marginalizando as questões cruciais enfrentadas por mulheres de outras classes.

Desde o começo do movimento, mulheres de classes privilegiadas conseguiram tornar suas preocupações “as” questões que deveriam ser o foco, em parte porque elas eram o grupo de mulheres que recebia atenção pública. Elas atraíam a mídia de massa. As questões mais relevantes para as trabalhadoras ou para o grande grupo de mulheres nunca eram destacadas pela mídia de massa convencional. (hooks, 2018, p. 55)

Para as mulheres negras, a única igualdade possível era encontrada no trabalho, e em relação aos homens negros, onde desempenhavam as mesmas tarefas que eles. “No trabalho, as mulheres escravizadas eram equivalentes a seus companheiros. Porque elas sofriam uma dura igualdade sexual no trabalho, gozavam de maior igualdade sexual em casa, na senzala, do que suas irmãs brancas que eram “donas de casa.” (hooks, 2018, p. 220). Essa perspectiva destaca a ironia de como, apesar das condições extremas e desumanas enfrentadas pelas mulheres escravizadas no trabalho, a noção de “igualdade” ou a “autonomia” era distorcida, pois essas mulheres eram exploradas e submetidas a condições adversas mesmo no ambiente de trabalho.

Um problema identificado dentro do movimento feminista é a tendência de algumas feministas brancas em não perceberem que as questões enfrentadas pelas mulheres não se limitam apenas

à dimensão de gênero. Em *Quem tem medo do feminismo?* Djamila Ribeiro aborda como feministas brancas podem, às vezes, negligenciar ou subestimar as experiências únicas de mulheres de diferentes origens culturais, raças, classes sociais: “Existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam.” (Ribeiro, 2018, p. 35)

A crítica aos movimentos feministas iniciais é feita de forma construtiva, enfatizando a necessidade de um movimento mais inclusivo. Enquanto o feminismo negro trouxe à tona as experiências únicas das mulheres negras e destacou a interseção entre raça e gênero, a teoria da interseccionalidade surgiu como um conceito que ampliou ainda mais essa análise. Ao invés de simplesmente focar na raça, a interseccionalidade busca compreender as interconexões complexas entre diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe social, orientação sexual e outras identidades.

Além disso, é crucial reconhecer que, embora os movimentos feministas negros tenham sido fundamentais para dar visibilidade às experiências das mulheres negras e desafiar o racismo sistêmico, sua ênfase exclusiva nesse aspecto pode ter limitado o entendimento das complicações enfrentadas pelas mulheres não brancas. Ao focar predominantemente na luta contra o racismo, outros aspectos de sua identidade, como classe social, orientação sexual, deficiência, entre outros, foram muitas vezes negligenciados. É neste contexto que a interseccionalidade se torna essencial. Bilge e Collins (2021), abordam melhor o conceito da teoria.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente (p. 16-17).

O reconhecimento das opressões intercruzadas não apenas fortaleceu o movimento feminista, mas também influenciou outras lutas sociais, promovendo uma compreensão mais abrangente das injustiças enfrentadas por grupos marginalizados. O posicionamento das mulheres não-brancas tem sido essencial para moldar um feminismo mais inclusivo, unido e capaz de abordar as complicações da experiência feminina em sua totalidade.

Sobre isso, Grada Kilomba teoriza que a mulher negra seja vista como o “outro do outro”, numa interessante subversão da teoria do “outro absoluto” proposta por Simone de Beauvoir. Enquanto Beauvoir descrevia a mulher como o “outro” em relação ao homem, a escritora

Grada Kilomba vai além, argumentando que na estrutura da opressão, a mulher negra se encontra em uma posição ainda mais marginalizada.

Nesse esquema, a mulher *negra* só pode ser a/o “*Outra/o*” e nunca o eu. As mulheres *brancas* têm um status oscilante, como o eu e como a “*Outra*” dos homens *brancos* porque elas são *brancas*, mas não homens. Os homens *negros* servem como oponentes para os homens *brancos*, bem como competidores em potencial por mulheres *brancas*, porque são homens, mas não são *brancos*. As mulheres *negras*, no entanto, não são brancas nem homens e servem, assim, como a “*Outra*” da alteridade. (2019, p. 190-191)

De acordo com Kilomba, a mulher negra é o “outro do outro”, o que implica estar numa posição de inferioridade não apenas em relação aos homens, mas também em relação às mulheres brancas. Nessa visão, as mulheres negras são colocadas no último degrau da pirâmide social, sujeitas a múltiplas formas de opressão e marginalização. Essa perspectiva destaca a importância de considerar as interseções de raça, gênero e classe social na análise das experiências das mulheres não brancas, evidenciando as complexidades das hierarquias de poder e privilégio na sociedade contemporânea.

A interseccionalidade, como teoria e prática, torna-se essencial para entender não apenas como as mulheres não brancas enfrentam o discurso sexista, mas também como se tornam vítimas de um sistema complexo de racismo sistêmico, inferioridade de classe e diversas outras formas de opressão. Kimberlé Crenshaw (1991), que cunhou o conceito de interseccionalidade, aborda a necessidade de reconhecer e abordar as múltiplas camadas de discriminação que as mulheres negras enfrentam.

Crenshaw ressalta a importância da interseccionalidade no âmbito do antirracismo, especialmente ao reconhecer as formas como as experiências interseccionais das mulheres não-brancas muitas vezes são marginalizadas nas abordagens predominantes de políticas identitárias. A autora Carla Akotirene, pesquisadora brasileira, comenta que a interseccionalidade é uma ferramenta de análise que surgiu pela necessidade de visibilizar a luta das mulheres não-brancas na sociedade.

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (Akotirene, 2019, p. 14)

É crucial adentrar na realidade enfrentada pelas mulheres não brancas, que, ao lutar contra as imposições masculinas, encontram-se confrontadas com um sistema muito mais amplo de opressões. Além da busca por igualdade de gênero, enfrentam diariamente o peso do racismo

estrutural, a carga da inferioridade de classe social e a junção de diversas outras formas de discriminação.

Nessa jornada pela pluralidade feminina, é fundamental destacar que o feminismo negro e a interseccionalidade não buscam criar uma hierarquia de opressões, mas sim reconhecer e abordar a complexidade e a relação das diferentes formas de discriminação. O verdadeiro feminismo deve ser um chamado para a solidariedade entre as mulheres, uma aliança que abraça a diversidade e reconhece que a verdadeira libertação só é alcançada quando todas as mulheres são libertadas.

Quando nós, as mulheres, lutamos ativamente de forma verdadeiramente solidária para compreender as nossas diferenças, para mudar as perspectivas desencaminhadas e distorcidas, criamos a base para a experiência da solidariedade política. Solidariedade não é o mesmo que apoio. Para que possamos experimentar a solidariedade, temos de ter uma comunidade de interesses, crenças partilhadas e objetivos em torno dos quais nós possamos unir e construir a Sororidade. (hooks, 2019, p. 52)

A interseccionalidade mudou o feminismo ao desafiar a visão tradicional e proporcionar uma compreensão mais abrangente das experiências das mulheres. Isso levou a uma maior conscientização sobre as diferenças enfrentadas por mulheres de diferentes grupos sociais, possibilitando um feminismo mais diversificado e representativo. Ao reconhecer a diversidade de identidades e lutas, o movimento feminista se torna mais capaz de abordar questões de forma vasta, buscando justiça social para todas as mulheres, independentemente de sua origem, classe social, etnia ou orientação sexual.

3. OPRESSÕES INTERSECCIONAIS EM AMADA, DE TONI MORRISON

Toni Morrison, renomada romancista afro-americana, nasceu em Ohio, em 1931. Sua formação acadêmica inclui estudos na Howard University, em Washington. Além de sua notável carreira como escritora, Morrison também se destacou como editora sênior em uma grande editora de Washington e como professora em várias universidades.

Morrison é amplamente reconhecida por sua importância na literatura afro-americana e global, sendo uma voz crucial na representação da experiência negra nos Estados Unidos e além. Seu compromisso com a exploração da complexa identidade afro-americana e feminina a tornou uma figura central no cânone literário contemporâneo. Sobre ela, afirma Oliveira: “A autora evidenciou a compreensão da experiência feminina durante a diáspora negra, ao desafiar em seus romances ideias preconcebidas sobre as implicações de ser uma mulher negra durante e

após o regime de escravidão.” (2020, p. 306)

Amada (1987), frequentemente considerado o ápice da carreira de Morrison, possui uma narrativa que apresenta os horrores do trauma histórico da escravidão nos Estados Unidos. Com uma prosa instintiva e técnicas narrativas inovadoras, como o uso do fluxo de consciência, Morrison retrata as consequências devastadoras da escravidão para as vidas dos personagens, oferecendo uma reflexão sobre a natureza da liberdade, da memória e do amor em face da adversidade.

Toni Morrison é uma das vozes mais proeminentes e respeitadas da literatura, e a relevância de suas obras nos dias de hoje é inquestionável. As obras de Morrison são essenciais porque confrontam questões raciais e sociais. Em uma era onde o racismo e a injustiça social ainda persistem, suas histórias continuam sendo uma ferramenta essencial para fomentar a reflexão e o diálogo sobre essas questões.

Ao retratar personagens femininas complexas e resilientes, Morrison cria narrativas que desafiam os padrões sociais e questionam as estruturas patriarcais. Suas personagens muitas vezes enfrentam e superam adversidades extremas, desde opressão racial até abuso e pobreza. Essas histórias não apenas refletem as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres, mas também mostram como a solidariedade, a autoaceitação e a coragem podem ser caminhos para a liberdade e a igualdade.

Ao longo dos anos, as obras de Toni Morrison receberam uma recepção crítica excepcional. Seus romances, caracterizados por uma prosa rica em detalhes e pela complexidade emocional, conquistaram inúmeros prêmios e elogios. A obra *Amada*, em particular, é frequentemente considerada seu *magnum opus*, e cria uma narrativa traumática envolvendo o histórico da escravidão nos Estados Unidos.

Em *Amada* (1987), Toni Morrison convida os leitores a adentrarem uma sociedade pós-abolição, onde os efeitos da escravidão ainda ecoam. O enredo segue Sethe, uma ex-escravizada que luta para reconstruir sua vida e sua identidade em meio ao trauma do passado. O enredo é marcado pela chegada de Amada, uma misteriosa jovem cuja presença desencadeia lembranças dolorosas e segredos enterrados. À medida que o passado e o presente se relacionam, a obra explora temas profundos de identidade, memória, amor e redenção, oferecendo uma reflexão sobre as cicatrizes da escravidão e a busca pela liberdade interior.

Em relação ao enredo, a obra é narrada principalmente em terceira pessoa, com um narrador

que oferece uma perspectiva onisciente sobre os eventos e os pensamentos dos personagens. Uma das características que se destacam da narrativa é a forma como ela vai e volta no tempo. Morrison usa técnicas de *flashback* para explorar o passado dos personagens, revelando lentamente eventos traumáticos e relacionamentos complicados que moldaram suas vidas. Além disso, a presença do fluxo de consciência enriquece a narrativa, oferecendo uma visão mais íntima e imediata dos pensamentos e emoções dos personagens, o que intensifica suas experiências.

Essa estrutura fragmentada cria uma sensação de desorientação no leitor, espelhando a própria experiência dos personagens, que muitas vezes estão lutando para entender seu próprio passado e suas próprias motivações. Ao mesmo tempo, essa técnica permite que a autora explore a natureza recorrente do trauma e como ele continua através das gerações.

Morrison ambienta sua história em Ohio, próximo a Cincinnati, em uma comunidade de ex-escravizados que tentam reconstruir suas vidas após décadas de opressão e sofrimento. A narrativa nos transporta a uma jornada que transcende o tempo, entrelaçando o passado doloroso de Sethe e sua família como escravizados com o presente cruel, carregado de ressentimento e culpa. A vida de Sethe como escravizada na fazenda nunca foi esquecida, ela poderia esquecer de seus próprios filhos que partiram, mas as memórias dos dias passados na fazenda permaneciam tão nítidas como se tivessem sido gravadas em pedra.

Sethe tinha treze anos quando foi para a Doce Lar, e já de olhos de aço. Ela foi um presente oportuno para mrs. Garner, que tinha perdido Baby Suggs por causa dos altos princípios do marido. Os cinco homens da Doce Lar olharam aquela menina nova e resolveram deixá-la em paz. Eles eram jovens e tão loucos com a ausência de mulher que tinham passado a fazer com as bezerras. Mesmo assim, deixaram a menina de olhos de aço sossegada, para ela poder escolher, apesar do fato de que, para ficar com ela, cada um deles era capaz de bater no outro até virar mingau (Morrison, 2019, p. 26).

Na fazenda, o comportamento dos homens é moldado pela cultura de opressão e desumanização que permeia a instituição da escravidão. No entanto, Angela Davis, em seu livro *Mulheres, Raça e Classe*, destaca que, ao contrário dos opressores brancos que perpetuavam a violência sexual e a degradação, os próprios escravizados frequentemente mantinham um nível de dignidade e respeito pelas mulheres dentro de suas comunidades. Morrison desconstrói o mito racista do “estuprador negro”, mostrando que a dignidade e o respeito eram mais facilmente encontrados entre os escravizados, que, mesmo sendo degradados e abusados, preservavam a humanidade e o respeito pelas mulheres. Essa representação desafia os estereótipos racistas e revela a complexidade dos personagens negros,

contrariando a narrativa histórica de desumanização.

Após a morte de Mr. Garner, a fazenda passa a ser gerida pelo “Professor”, e sua chegada desperta diferentes reações entre os escravizados, alguns vendo nele uma oportunidade de mudança, enquanto outros permanecem céticos em relação às suas intenções. “Aí, o professor chegou para colocar as coisas em ordem. Mas o que ele fez quebrou mais três homens da Doce Lar e perfurou o aço cintilante dos olhos de Sethe, deixando dois poços abertos no lugar, que não refletiam a luz do fogo” (Morrison, 2019, p. 25-26). A presença do Professor introduz novas dinâmicas de poder e conflito na fazenda, enquanto os escravizados tentam entender o que o futuro reserva para eles sob sua liderança.

Anos depois, Sethe revela a Paul D, um dos escravizados da Doce Lar, como enfrentou um dos momentos mais traumáticos de sua vida, pois grávida e vulnerável, foi vítima de abusos cometidos pelos homens da fazenda, que roubaram o leite de seus seios.

Depois que eu deixei vocês, aqueles rapazes entraram lá e tomaram meu leite. Foi para isso que eles entraram lá. Me seguraram e tomaram. Conteí para mrs. Garner o que eles fizeram. Ela ficou com um nó, não conseguia falar, mas dos olhos rolaram lágrimas. Os rapazes descobriram que eu tinha contado deles. O professor fez um deles abrir minhas costas e quando fechou fez uma árvore. Ainda crescendo aqui.” “Usaram o chicote em você?” “E tomaram meu leite.” “Bateram em você e você estava grávida?” “E tomaram meu leite!” (Morrison, 2019, p. 35).

O roubo de seu leite, um ato de domínio e crueldade, deixou cicatrizes emocionais duradouras em Sethe, que carregou esse trauma consigo mesmo após sua fuga da fazenda. Esse episódio demonstra a brutalidade e a desumanização que permeavam o sistema de escravidão, onde os escravizados eram tratados como objetos para a satisfação dos desejos e caprichos de seus senhores. O caso de Sethe exemplifica como ocorre a opressão interseccional: ela é oprimida por ser mulher e negra. O ato de tomar seu leite é uma forma de abuso sexual que desumaniza e reduz sua dignidade à de um objeto a ser explorado. As mulheres escravizadas, especialmente as grávidas, eram vistas como animais. Em contraste com a idealização das mulheres brancas grávidas, as mulheres negras grávidas eram desumanizadas e tratadas como propriedade, seus corpos e seus filhos não eram valorizados como algo sagrado, mas sim como recursos para enriquecer seus escravizadores.

A árvore marcada nas costas de Sethe é uma imagem simbólica que representa os traumas da escravidão que ela carrega consigo, mostrando suas raízes repletas de violência. A marca em sua pele não é apenas uma cicatriz física, mas um símbolo vivo do sofrimento e da

desumanização que ela enfrentou como mulher escravizada. Apesar de todas as suas lembranças dolorosas, Sethe descreve sua cicatriz de maneira poética, tentando ressignificar sua dor. “Uma árvore de arônia. Tronco, galhos e até folhas. Folhinhas pequenas de arônia. Mas isso foi dezoito anos atrás. Agora, já podia até ter dado fruta.” (Morrison, 2019, p. 34). Sethe visualiza a cicatriz como uma árvore, transformando sua ferida em um símbolo de resistência e resiliência, e atribuindo a ela uma nova significação que transcende o sofrimento passado.

Ao fugir da fazenda, Sethe encontra desafios no caminho e, surpreendentemente, recebe a ajuda de uma moça branca. Amy, que está fugindo de sua própria vida de servidão, cuida das feridas de Sethe e a ajuda a dar à luz em um barco improvisado. Este momento de solidariedade entre duas mulheres de diferentes origens, unidas pelo desejo de liberdade, é uma das cenas mais emocionantes da narrativa. A cena, onde Amy auxilia Sethe, se destaca como um exemplo crucial da sororidade em prática. As duas mulheres, em situações precárias e marcadas por sofrimentos distintos, se unem em um ato de luta pela vida. Amy, reconhecendo a dor e a vulnerabilidade de Sethe, oferece seu apoio, demonstrando que a sororidade transcende barreiras raciais e sociais. “Elas achavam que nunca mais iam se ver neste mundo e no momento pouco se importavam. Mas ali, numa noite de verão cercada de samambaia azul, juntas fizeram algo corretamente e bem.” (Morrison, 2019, p. 121). A sororidade feminina, nesse sentido, se configura como um espaço de resistência e empoderamento, onde as mulheres podem compartilhar suas experiências, oferecer apoio emocional e prático, e construir juntas uma realidade mais justa. bell hooks em sua obra *Teoria feminista: da margem ao centro* (2019), fala sobre a importância do apoio entre as mulheres. “Ao aprendermos os códigos culturais umas das outras e a respeitarmos as nossas diferenças, sentimos uma sensação de comunidade, de Sororidade. Respeitar a diversidade não significa uniformidade ou similaridade.” (hooks, 2019, p. 45-46). A sororidade, segundo bell hooks, se desenvolve quando mulheres de diferentes origens e experiências se dispõem a aprender umas com as outras, estabelecendo uma conexão baseada no respeito mútuo e na empatia.

Após dar à luz, Sethe continua sua fuga, agora carregando seu recém-nascido nos braços. Ela finalmente chega à casa de sua sogra, Baby Suggs, em Ohio. Baby Suggs, uma figura maternal e espiritual na comunidade de ex-escravizados, acolhe Sethe e suas crianças com amor e cuidado. Por um breve período, Sethe experimenta uma sensação de segurança e pertencimento que lhe havia sido negada durante seus anos de escravidão.

No entanto, a paz é momentânea. A segurança recém-conquistada de Sethe é ameaçada quando

os homens liderados pelo Professor vêm para recapturá-la. Em um ato desesperado de proteção, ela toma a decisão trágica de matar sua filha mais velha, Amada, para salvá-la de ser levada de volta à escravidão. Esse ato de coragem reflete a fase feminista, onde Sethe enfrenta desafios extremos para garantir a proteção e autonomia de seus filhos.

A morte de Amada a assombra e a aprisiona em um luto eterno. Sethe carrega o peso da culpa, da perda e da impotência, incapaz de se livrar da lembrança da filha que ela mesma tirou a vida. Sethe, embora fisicamente livre, está agora presa em culpa, dor e arrependimento, assombrada pelo fantasma de sua filha morta. A vida de Sethe após a fuga é uma tentativa contínua de reconstrução. Ela e sua filha sobrevivente, Denver, vivem na casa 124, que está impregnada com a presença sobrenatural de sua filha morta. Esta assombração simboliza os traumas não resolvidos de Sethe e serve como um lembrete constante dos sacrifícios que ela fez. A casa 124 torna-se um espaço onde o passado e o presente coexistem de maneira tensa e dolorosa. Por isso, quando Amada reaparece (ou seu fantasma?), 20 anos depois, uma mulher adulta, Sethe se vê inevitavelmente ligada a ela de uma forma doentia:

Não vou nunca deixar ela ir embora. Vou explicar para ela, mesmo que não precise. Por que eu fiz aquilo. Como, se eu não tivesse matado, ela teria morrido e isso é uma coisa que eu não ia aguentar que acontecesse com ela. Quando eu explicar ela vai entender, porque ela já entende tudo. Vou cuidar dela como nenhuma mãe nunca cuidou de uma filha, uma menina. Ninguém nunca mais vai receber o meu leite a não ser meus próprios filhos. Nunca tive de dar meu leite para ninguém mais — e da única vez que dei foi tirado de mim, eles me seguraram e tiraram. (Morrison, 2019, p. 268)

Para entender melhor como a chegada da nova personagem não apenas representa a presença espiritual de Amada, mas também encapsula os traumas históricos que ecoam através das gerações na vida de Sethe e sua família. Patricia Hill Collins argumenta que:

Os paradigmas interseccionais trazem uma segunda contribuição importante para elucidarmos as relações entre conhecimento e empoderamento: eles lançam uma nova luz sobre o modo como a dominação é organizada. O termo matriz de dominação caracteriza essa organização social geral dentro da qual as opressões interseccionais se originam, se desenvolvem e estão inseridas. Nos Estados Unidos, essa dominação se concretizou por meio de escola, moradia, emprego, políticas governamentais e outras instituições sociais que regulam os padrões concretos de opressão interseccional com os quais as mulheres negras deparam. (Collins, 2019, p. 416)

As experiências de opressão são moldadas por múltiplas formas de dominação interseccionais, como raça, gênero, classe e outras categorias sociais. Nesse sentido, a personagem Amada não é apenas um fantasma individual, mas uma manifestação das complicadas interações entre a escravidão, a maternidade e a violência racial que permearam a vida de Sethe e de sua família.

Amada, ressentida e carente de atenção, representa a personificação do trauma e da culpa de Sethe por ter matado sua própria filha para protegê-la da escravidão.

[...] mesmo quando Amada estava quieta, sonhadora, imersa em suas próprias questões, Sethe começava de novo. Sussurrava, resmungava alguma justificativa, alguma pequena informação esclarecedora a Amada, para explicar como tinha sido, por que e como. Era como se Sethe não quisesse realmente o perdão aceito; quisesse a recusa. E Amada a ajudava. (Morrison, 2019, p. 334)

As interações entre as duas são carregadas de emoções intensas e conflitantes, refletindo a profundidade do trauma e da culpa que Sethe carrega por ter tirado a vida de sua filha para salvá-la da escravidão.

No final, Sethe é trazida de volta à realidade e começa a se libertar do peso de seu passado. Ela tenta atacar Mr. Bodwin, um homem branco que ela confunde com o mestre da fazenda, mas é impedida e confortada pela comunidade de mulheres negras que se reúnem em sua casa para afastar o espírito de Amada, novamente numa figuração de como só a sororidade pode mudar a situação de mulheres marginalizadas.

A personagem Amada atua como um símbolo da memória coletiva dos horrores da escravidão. Sua presença física e a forma como ela é percebida e recebida pelos personagens sugerem uma tentativa de reconciliação com um passado doloroso e muitas vezes incompreensível. A narrativa de Morrison não apenas revive essas histórias dolorosas, mas também as subverte, transformando-as em uma narrativa de resistência e sobrevivência através das experiências pessoais de seus personagens.

A aparição de Amada na narrativa de Morrison é muito mais do que uma simples reviravolta sobrenatural. É um mecanismo literário que permite uma exploração significativa das nuances da história americana, das consequências devastadoras da escravidão e da luta contínua por identidade, redenção e perdão. É um lembrete de como os traumas do passado podem continuar a moldar e assombrar as vidas das pessoas, mesmo quando aparentemente livres das correntes físicas da escravidão.

A narrativa de *Amada* é não apenas importante, mas também lindamente poética e repleta de dor. Toni Morrison desenvolve uma história que, ao mesmo tempo em que encanta pela beleza de sua prosa lírica, confronta o leitor com a brutalidade e o sofrimento da escravidão. Através de sua escrita única, Morrison captura a beleza e a tragédia da vida, oferecendo ao leitor uma experiência literária devastadora e transformadora.

4. CONSIDERAÇÕES (NUNCA) FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar a obra *Amada*, de Toni Morrison, destacando as intrincadas interseções entre raça, gênero e trauma que permeiam a narrativa. Através da história de Sethe e sua luta para escapar das memórias da escravidão, Morrison constrói um retrato aprofundado das consequências duradouras deste sistema opressor. A fazenda Doce Lar, onde Sethe e outros personagens foram escravizados, simboliza a brutalidade da escravidão disfarçada de um ambiente aparentemente favorável, um contraste que enfatiza a desumanização intrínseca ao sistema escravista.

A obra evidencia como as mulheres negras, em particular, sofriam uma despersonalização dupla, sendo vistas tanto como unidades de trabalho quanto como propriedade sexual. Sethe, como muitas outras, é forçada a negar sua identidade de mãe e esposa em favor das demandas incessantes de trabalho impostas por seus proprietários. A narrativa não só expõe os conflitos físicos e emocionais deixados pela escravidão, mas também aborda a luta contínua pela identidade, redenção e liberdade.

A interseccionalidade aplicada ao romance *Amada* é crucial para entender as inúmeras camadas de opressão enfrentadas pelos personagens. Morrison não se limita a retratar a escravidão apenas como uma questão racial, mas também explora suas implicações de gênero e classe. A dor e a resistência de Sethe reflete a complexidade das experiências dos negros durante e após a escravidão, destacando a persistência do trauma e a luta constante por dignidade e autonomia.

Através deste romance poético e simbólico, a autora transforma a memória de dor dos personagens em uma narrativa poética, capturando a beleza e a tragédia da vida. A casa 124, assombrada pelo espírito de Amada, torna-se um símbolo das memórias inescapáveis e dos fantasmas do passado que continuam a moldar o presente. A presença de Amada na história é uma ferramenta literária que permite uma exploração intensa dos detalhes da história americana e das consequências devastadoras da escravidão.

Amada é uma obra de grande impacto e relevância, tanto no momento de sua publicação quanto hoje. Através de sua narrativa intrincada e personagens ricamente desenvolvidos, Toni Morrison nos desafia a confrontar o legado persistente da escravidão e a reconhecer a importância de continuar lutando por justiça e igualdade.

5. REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo. 2 livros**. Trad. Sérgio Milliet. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, Vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), pp. 1241-1299
- CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. P. 139-167
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016
- hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvil Libânio. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvil Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MORRISON, Toni. **Amada**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- OLIVEIRA, Natalia Fontes de. Mulheres negras em diáspora: a sororidade nas obras de Toni Morrison. **REVELL**. 2002, v.1; n. 24. Jan-abr 2020.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.